

UM GUARDIÃO DE MEMÓRIAS: o Memorial Cristo Rei da Universidade Federal do Maranhão

Mayjara Rêgo Costa Garcia Oliveira¹

Artigo recebido em: 24/02/2022.

Artigo aceito em: 01/09/2022.

RESUMO:

O artigo visa compreender o entrelaçar da memória e da história mediante a institucionalização do Memorial Cristo Rei da Universidade Federal do Maranhão como espaço dedicado a memória institucional. Constataremos que esses locais são construídos a fim de preservar as experiências acerca do passado dessa instituição de ensino superior, lembradas num tempo presente. Para tanto, a análise da documentação sob a guarda do Memorial Cristo Rei permitiu examinar os significados envolvidos no processo de criação desse espaço memorialístico como um lugar que preserva os vestígios sobre a trajetória institucional. O esforço das instituições em construir espaços de memórias visa consolidar memórias e narrativas sobre sua trajetória institucional, bem como construir sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Memorial Cristo Rei. Representação. Identidade. Institucional.

A GUARDIAN OF MEMORIES: the Cristo Rei Memorial of Universidade Federal do Maranhão

ABSTRACT:

The article aims to understand the intertwining of memory and history through the institutionalization of the Cristo Rei Memorial of the Federal University of Maranhão as a space dedicated to institutional memory. We will note that these places are built in order to preserve the experiences about the past of this higher education institution, remembered in the present time. Therefore, the analysis of the documentation under the custody of the Cristo Rei Memorial allowed us to examine the meanings involved in the process of creating this memorial space as a place that preserves the traces of the institutional trajectory. The effort of institutions to build spaces of memories aims to consolidate memories and narratives about their institutional trajectory, as well as to build their identity.

¹ Mestrado em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (2019). Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3952764788289716>; e-mail: mayjararc@gmail.com. Atua no Setor de Pesquisas do Memorial Cristo Rei, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC/DAC/MCR/UFMA).

KEYWORDS: Memory. Christ the King Memorial. Representation. Institutional Identity.

1. Introdução

Não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis nesse processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total. Trata-se então da fantasia de um arquivista maluco? Ou há, talvez, algo mais para ser discutido neste desejo de puxar todos esses vários passados para o presente (HUYSSSEN, 2000, p. 15).

A citação de Andreas Huyssen aponta uma experiência com tempo referente à emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais, contemporâneas, pós-industriais e pós-modernas. A constatação de Huyssen se deu a partir da análise das diversas maneiras como a memória é tratada em traumas históricos em períodos relacionados ao Holocausto, II Guerra Mundial, Guerra Fria, ditaduras na América Latina e outros.

No entanto, esse apego pela memória se choca com uma preocupação frente ao esquecimento. Um desejo pelo retorno ao passado que, ainda segundo Huyssen, deve-se a um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo, ao enfatizar o que denomina de “passados presentes”, postura observada a partir dos anos de 1980.

A emergência de outras maneiras de lidar com o tempo e, conseqüentemente, com a memória, foram examinadas por François Hartog por meio de um regime de historicidade denominado presentismo

Entendo o presentismo assim nomeado pela referência e oposição ao futurismo, como a expressão de um profundo questionamento do regime moderno de historicidade. O futuro, o progresso e as ideologias que a ele se prendem perderam sua força de convicção no momento mesmo que a distância entre horizonte de espera e campo da experiência tornaram-se máximos. (HARTOG, 1996, p. 152)

Hartog atentou para uma maneira de estabelecer relações entre passado, presente e futuro, prevalecendo a ênfase no presente. O apreço pelo presente indica

uma constante demanda por práticas de preservação da memória e a construção de um passado numa perspectiva nostálgica.

Em suas ponderações, Pierre Nora (1993, p. 9) analisa a memória como “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”, sendo a história uma representação do passado. Para o autor, o destaque dado à memória elucida uma postura que atesta uma necessidade de preservação do passado frente a uma aceleração do tempo. Daí, o erguimento de “lugares de memórias” que representam as proporções monumentais dedicadas à memória, onde o passado é rememorado no tempo presente.

Enquanto um dos materiais da memória, o monumento evoca o passado e perpetua a recordação. Dito isso, a concepção documento/monumento refere-se a um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que detinham o poder (LE GOFF, 1990, p. 545).

Partindo desses suportes teóricos pretendemos compreender o entrelaçar da memória e da história no processo de criação do Memorial Cristo Rei da Universidade Federal do Maranhão como um espaço dedicado a memória institucional. Constataremos que esses locais são construídos a fim de preservar as experiências acerca do passado dessa instituição de ensino superior lembradas num tempo presente.

Como aporte metodológico, procedemos a análise da documentação sob a guarda do Memorial Cristo Rei, composta por documentos institucionais, jornais, fotografias e outros. Consultamos também fontes disponibilizadas pelo sistema de busca eletrônica por meio através de sites e/ou bibliotecas virtuais, com a finalidade de subsidiar o estudo aqui proposto com outros indícios acerca trajetória da Universidade Federal do Maranhão. Mediados por essas fontes, intentamos examinar os significados envolvidos no processo de criação desse espaço memorialístico representado como lugar que abriga e preserva os sinais sobre a trajetória dessa instituição de ensino superior.

De início, apresentamos um relato sobre a importância histórica e simbólica do Palácio Cristo Rei para a trajetória institucional da Universidade Federal do Maranhão. Seguidamente, analisamos o contexto da institucionalização do Memorial Cristo como espaço memorialístico e a construção de sua imagem como “guardião de memórias” dessa instituição de ensino superior.

A partir da década de 1980, o campo da História foi permeado por reflexões acerca do ofício e da ampliação dos seus objetos de estudos, ao conceder atenção ao estudo sobre as subjetividades, o cotidiano, os comportamentos, os discursos, as representações, a memória, patrimônio e outros. O alargamento dos vestígios sobre o passado questionou uma maneira de escrita da história guiada por modelos explicativos com base em interpretações estruturalistas, quantitativistas e na crença de um passado imutável.

No que diz respeito à relação história e memória, os estudos focalizam como fontes de investigação os espaços, objetos e as noções de patrimônio material e/ou imaterial e outros. Por causa disso, demanda-se a presença dos profissionais da área de história em instituições como museus, arquivos, memoriais, gestão do patrimônio material ou imaterial, centros de documentação e outros espaços ligados a preservação de acervos.

A valorização da memória e o estabelecimento de centros de memória, de documentação e de preservação indicam também uma postura direcionada as maneiras de como os indivíduos, as sociedades e as instituições lidam com o tempo. Especificamente, esses modos de relação com o tempo elucidam práticas como patrimonialização, musealização, um apego pelo passado que é representado e/ou lembrado no presente.

No caso específico aqui exposto, a experiência vivenciada pela Universidade Federal do Maranhão devido ao incêndio que acometeu o Palácio Cristo Rei, então sede da reitoria dessa instituição, ocorrido em 1991. Uma apreensão frente ao desaparecimento das memórias e da história dessa instituição pela destruição de parte do edifício, da documentação e outros sinais do passado, esclarecem o

entendimento do contexto do erguimento desse espaço como um lugar de memórias institucionais.

A partir da institucionalização desse espaço memorialístico, no ano de 1996, as memórias e as histórias sobre a trajetória institucional da UFMA teriam um “guardião”: o Memorial Cristo Rei. Assim, compreendemos que o esforço das instituições em construir espaços de memórias visa consolidar memórias e narrativas sobre sua trajetória institucional, bem como construir sua identidade.

2. O guardião da entrada do Largo dos Amores²: o Palácio Cristo Rei

Edificado no Largo dos Amores, na também conhecida Praça Gonçalves Dias³, no centro da cidade de São Luís do Maranhão, está um dos prédios que integra o conjunto arquitetônico dessa cidade que lhe conferiu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade nos anos de 1990. É uma das edificações históricas que remontam o estilo barroco do século XIX e foi cenário de tramas ocorridas ao longo de sua história. Referimo-nos ao Palácio Cristo Rei.

Alguns registros consultados apontam o nome do arquiteto Manoel José Pulgão como responsável pela construção da obra, a pedido do Comendador José Joaquim Teixeira Vieira Belfort⁴, um dos primeiros proprietários desse prédio. Em seu gradil, encontra-se a inscrição “1838”, todavia, não sendo possível especificar se

²Expressão utilizada em alusão ao Palácio Cristo Rei. Consultar: RAMOS, 2008, p. 65.

³A Praça e seu entorno, no qual estão a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e o Palácio Cristo Rei, entre outros prédios de grande valor histórico e artístico, foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN), em 23 de dezembro de 1955, sob a denominação Acervo Arquitetônico e Paisagístico da Praça Gonçalves Dias (IPHAN, 2008, p. 223). Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/ReabilitacaoAreasUrbanas/Sao_Luis_Guia_Arquitetura_Paisagem.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

⁴O comendador José Joaquim Teixeira Vieira Belfort (1817 -1876) era filho do Coronel José Joaquim Vieira Belfort e Maria Thereza Teixeira, neto do Comendador Caetano José Teixeira e irmão de Antônio Raimundo Teixeira Vieira Belfort, que foi agraciado com o título de Barão do Gurupi (1855) e Visconde de Belfort (1872). Casou-se em 1839 com D. Rita Tavares da Silva, filha do abastado agricultor José Tavares da Silva e teve com ela três filhos. Foi oficial da guarda nacional, fidalgo cavaleiro da casa Imperial (1853) e recebeu as comendas da Ordem de Cristo em 1855 e da Ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa. Foi vereador, vice-presidente da província do Maranhão (1855), deputado geral (1859) e chefe do partido conservador até 1861, quando passou a integrar um novo partido com ideias liberais (ANDRADE; BRITO; CASTRIOTA, 2020, p. 11-12).

foi obtido no início ou término da obra (MEDEIROS, 2003, p. 9; GRILLO; WERNECK, 2012).

O edifício histórico foi concebido segundo as concepções arquitetônicas, artísticas, econômicas e sociais que reportam a cidade de São Luís de meados do século XIX. Um período representado pelas imagens de prosperidade material advinda das atividades comerciais de exportação de gêneros como o algodão e do açúcar, e da exploração do trabalho escravo.

Foi nesse momento que “a elite maranhense iniciou a construção de casarões próximos ao centro comercial da cidade, além de encomendar diversos objetos, móveis e outros utensílios da Europa, enquanto a outra parcela da população desfrutava de casas simples, sem muitas extravagâncias” (GRILLO; WERNECK, 2012). Nessa época foi tecido o epíteto “Atenas Brasileira”, como referência a um tempo representado por imagens de florescência cultural idealizada pela intelectualidade local, prestigiada pela produção literária e jornalística no cenário cultural brasileiro dessa época.

Ao longo de sua trajetória, o referido edifício recebeu diversas denominações: casa, morada, solar, sobrado, palacete e palácio. Esta foi a constatação de Andrade, Brito e Castriota (2020), ao identificar mudanças acerca da percepção, dos significados simbólico, urbanístico e sociocultural ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX em São Luís, por vezes, uma mesma edificação foi referenciada de formas diversas de acordo com o período e seus ocupantes.

Figura 1: Registro Fotográfico do Palácio Cristo Rei no início do século XX.



Fonte: CUNHA (1908)

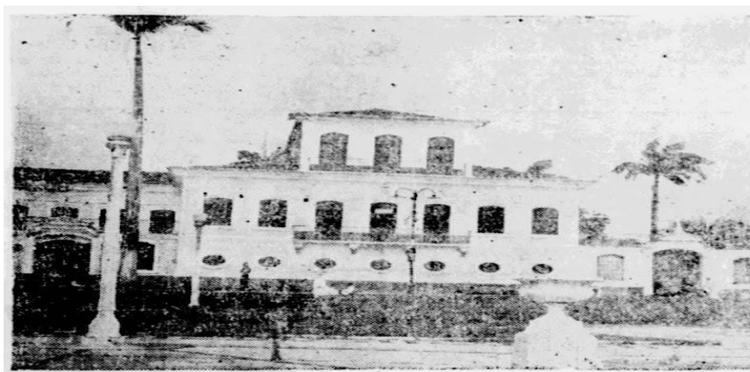
Além de abrigar famílias abastadas da sociedade maranhense, esse edifício histórico foi apontado como possível sede de instituições. Foi o caso da Escola de Jesuítas (1920), a Escola de Aprendizes Marinheiros e a Escola Normal do Estado, nos anos de 1930, período em que o prédio estava sob a propriedade da Diocese do Maranhão, ao ser adquirido pelo bispo D. Helvécio Gomes de Oliveira.

Os anos de 1950 foram assinalados como o momento em que o imóvel recebeu a denominação “Palácio Cristo Rei”, na condição de sede do Arcebispado do Maranhão (MEDEIROS, 2003, p. 11). Citamos a apreciação de Andrade *et al.*, (2020, p. 14) sobre a referida denominação ao edifício, ao afirmar que:

[...] dá início a uma grande reforma sob o comando do cônego Antônio Cavalcante que o transformou “em uma das mais ricas casas de São Luiz - rica no bom gosto que presidiu a sua arquitetura; rica, ainda, na expressão artística de suas decorações - embora que tenha predominado na disposição do seu mobiliário o requinte da modéstia”. Como parte da cerimônia de inauguração a partir da qual passou a ser chamado de Palácio Cristo Rei, foi rezada “a primeira missa na encantadora capela [...]” Também consta que o arcebispo teve seus aposentos instalados no mirante.

Em suas dependências foi abrigada a então Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão. Fundada em 1953, pelo acordo entre a Academia Maranhense de Letras, da Fundação Paulo Ramos e do Arcebispado de São Luís do Maranhão, entidades que visaram criar uma instituição que formaria profissionais nas áreas de Filosofia, História, Geografia, Letras Neolatinas e Pedagogia e que atuariam no magistério secundário do Maranhão.

Figura 2: A Faculdade de Filosofia de São Luís, no período em que funcionou no Palácio Cristo Rei.



Fonte: Jornal

(1961)

do Maranhão

Dos termos desse acordo, constou a cessão do Palácio Cristo Rei pelo Arcebispado de São Luís, representado por Dom José de Medeiros Delgado (1952-1963), cabendo à Fundação Paulo Ramos a manutenção dessa instituição de ensino, e o corpo docente composto por membros indicados pela Igreja Católica e da Academia Maranhense de Letras. (MEIRELES, 1994, p. 71).

Nos anos de 1970, o Palácio Cristo Rei foi adquirido pela Fundação Universidade do Maranhão (FUM), instituição de ensino superior fundada em 1966, posteriormente, redominada como Universidade Federal do Maranhão. Durante a gestão do reitor Josué Montello, o referido edifício foi reformado a fim de sediar oficialmente a reitoria dessa instituição, cuja inauguração ocorreu em 1973.

Figura 3: Palácio Cristo Rei na condição de sede da reitoria da Universidade Federal do Maranhão.



Fonte: IBGE (19--)

Em 12 de outubro de 1990, foi assinado entre o Governo do Maranhão e a Universidade Federal do Maranhão o Decreto Estadual nº. 11.594, que representou o Tombamento do Palácio Cristo Rei. Por meio desse ato, foi reconhecido o valor do seu acervo artístico, arquitetônico, histórico e estético desse palácio, além de garantir proteção à sua estrutura de qualquer dano (GRILLO & WERNECK, 2012).

Diversas intervenções foram realizadas no Palácio Cristo Rei no decorrer dos anos. Entretanto, esse edifício histórico vivenciou uma reforma considerada simbólica para sua trajetória devido ao incêndio ocorrido no ano de 1991.

3. Das cinzas, o ressurgir de um palácio e a criação de um memorial.

Outubro de 1991 foi a ocasião em que a Universidade Federal do Maranhão celebrou 25(vinte e cinco) anos de sua fundação. No entanto, dias depois, em 23 do mesmo mês, uma notícia vinculada num periódico local informou sobre o incêndio que vitimou a reitoria dessa instituição de ensino superior.

Segundo a narrativa de “O Estado do Maranhão” citada por Medeiros (2003, p. 13) o incêndio ocorreu no início da manhã devido à explosão de um aparelho de ar-condicionado instalado no prédio. O fogo se alastrou por vários ambientes, como foi o caso dos gabinetes do reitor e vice-reitor da instituição, a sala dos Colegiados Superiores, arquivo e o mirante. Os relatos obtidos por esse periódico indicam que o Corpo de Bombeiros foi acionado, todavia houve demora no atendimento à ocorrência, pois a central telefônica estava ocupada naquele momento.

Figura 4: Imagens sobre o incêndio no Palácio Cristo Rei noticiado pelo Jornal do Maranhão.



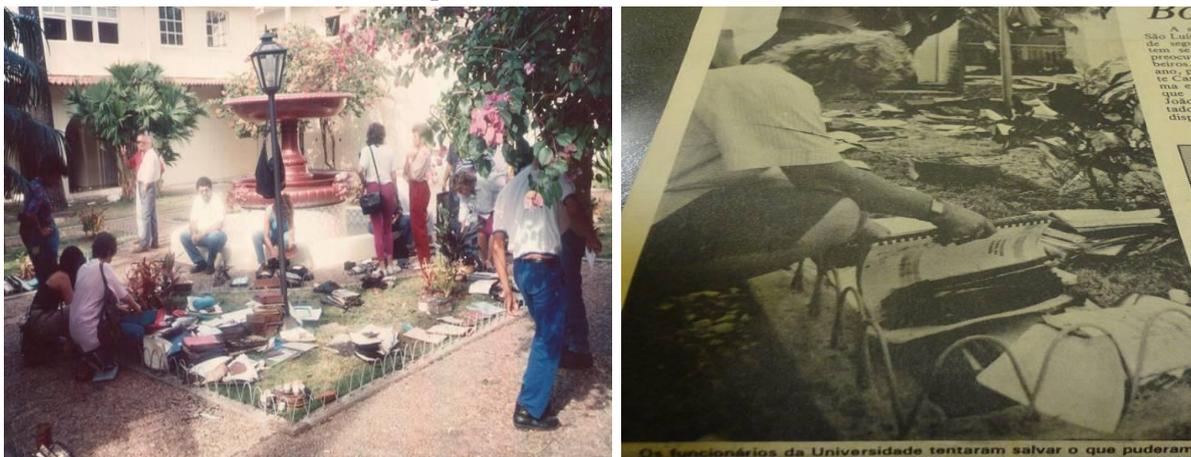
Fonte: GRILLO & WERNECK (2012)

Neste ínterim, segundo foi apurado pelo jornal, os funcionários da instituição utilizaram os extintores de incêndio, sendo que um desses funcionários se

deslocou até a Corporação para comunicar o ocorrido. Além dessas dificuldades, outros empecilhos para contenção desse incêndio foram o abastecimento de água insuficiente e a ausência de hidrantes na Praça Gonçalves Dias.

Após a contenção do incêndio, o que se presenciou foi a ação dos funcionários da instituição que ali estavam para tentar resguardar o que não foi destruído pelo fogo. Do que foi destruído pelo incêndio, constam objetos considerados significativos pela instituição como a coleção de quadros pertencentes ao acervo de Artur Azevedo, dois leões de porcelana do período colonial, atas das reuniões dos colegiados superiores, correspondências da UFMA com universidades estrangeiras, móveis, equipamentos e outros.

Figura 5: Enfoque sobre a atuação dos funcionários da UFMA no episódio do incêndio que acometeu a sede da reitoria.



Fonte: GRILLO; WERNECK (2012)

Devido ao incidente, a administração superior da Universidade Federal do Maranhão daquele momento, em colaboração com o Ministério da Educação e Cultura, empreendeu as devidas reparações no prédio, que foram subsidiadas por alguns indícios constantes num acervo fotográfico no que diz respeito aos aspectos físicos. O Palácio Cristo Rei foi reinaugurado em 21 de outubro de 1992, data que

celebra a fundação da Universidade Federal do Maranhão (GRILLO; WERNECK, 2012).

Concernente as perdas da documentação e demais artefatos institucionais, foi instalada uma comissão de servidores dessa instituição de ensino superior responsáveis pela execução do projeto “Memorial Cristo Rei” por meio da Portaria GR nº 308/92 – MR, de 19 de novembro de 1992. O objetivo do projeto era desenvolver ações integradas de preservação da memória da Universidade Federal no contexto da sociedade maranhense (UFMA, 1993). Uma dessas ações foi a doação de objeto como peças, fotografias, documentos e outros pertences advindos das unidades administrativas da UFMA, dos familiares dos ex-reitores já falecidos, campanha que envolveu também docentes, alunos e servidores dessa instituição.

Essa ação de sensibilização tinha como finalidade compor o acervo do referido memorial, numa tentativa de resgatar a memória da instituição, bem como registrar e divulgar uma narrativa sobre a trajetória institucional. O projeto institucional instalado no ano anterior resultou no estabelecimento de espaço disponibilizado pela administração superior da UFMA à época para sediar o também denominado Memorial Cristo Rei, inaugurado em 21 de outubro de 1993.

Preliminarmente, o Memorial Cristo Rei foi estruturado com o intuito de disponibilizar salas para exposições, para atividades culturais diversas e um setor de pesquisa composto por um acervo documental e uma biblioteca. Tais intenções podem ser esclarecidas na disposição dos seguintes ambientes⁵:

⁵ “O Memorial Cristo Rei, em 2005, foi cadastrado no Sistema Nacional de Museus; e em 1998, foi cadastrado no Sistema Municipal de São Luís, primeira capital do Brasil a aderir a este sistema. Assim, o acervo da Sala dos Fatos Memoráveis foi acrescido de documentos relacionados à museologia e a arquivologia” (GRILLO; WERNECK, 2012).

Desde 2018, com a requalificação do prédio, foi proposto um novo projeto museográfico e a redefinição das propostas e estratégias de trabalho do Memorial Cristo Rei. Uma dessas medidas foi a modificação de sua estrutura organizacional composta pela Direção e pelos seguintes setores: Museológico, Documentação, Pesquisa e Educativo e Cultural. Outra mudança foi a que ocorreu no ano de 2019, com a aprovação da Resolução nº 223/2019 – CONSAD/UFMA, que atualizou a estrutura organizacional e o correspondente organograma da Universidade Federal do Maranhão. Em seu Art. 8º, o Memorial Cristo Rei passou a integrar a Coordenação de Memórias e Exposições, setor subordinado à Diretoria de Assuntos Culturais da Pró-Reitora de Extensão e Cultura.

Sala dos Reitorados: exposição permanente de peças utilizadas anteriormente na Universidade, objetos pessoais, retratos, honrarias e documentos de professores, funcionários, reitores, homenageando assim, todos aqueles que contribuíram para a construção da UFMA;

Sala dos Fatos Memoráveis: setor de pesquisa e arquivo de documentos antigos, de fotografias, assim como abrigará algumas peças históricas;

Galeria de Exposição Temporária: mostrará à comunidade maranhense e aos visitantes como funcionam os diversos setores da UFMA;

Sala de Guarda: destina-se à guarda das peças e objetos do acervo não utilizados em determinado momento;

Sala de Arte e Cultura: Funcionará como Mirante do Palácio Cristo Rei, constituindo-se em mais um espaço cultural e artístico da UFMA;

Sala da Administração: é ocupado pelo grupo de trabalho encarregada da organização, preservação e funcionamento da Memorial Cristo Rei (UFMA, 1993):

Anos depois, esse espaço memorialístico foi institucionalizado mediante a Resolução nº. 02/96, do Conselho Universitário da UFMA, como parte integrante do gabinete do Reitor da UFMA⁶. Atenta-se para alguns dispositivos que representam as medidas institucionais imbuídas de intencionalidades em criar um lugar onde se possa lembrar a memória institucional.

Desenvolver projetos específicos que possam contribuir para a preservação e difusão da memória da Universidade Federal do Maranhão; Criar e implementar mecanismos de divulgação, sensibilização e participação entre os corpos docente, discente técnico-administrativo, considerando o processo histórico passado e presente; Criar e operacionalizar instrumentos de divulgação do acervo existente, dentro e fora da Universidade; Incentivar e realizar produção de registros do acervo histórico e ações contemporâneas da Universidade Federal do Maranhão; Promover exposições permanentes e temporárias do acervo histórico, científico e artístico da Universidade Federal do Maranhão; Recolher, tratar, preservar e divulgar o acervo de natureza permanente da Universidade Federal do Maranhão; Manter articulação com todos os

Centros para discutir a política de preservação da memória da Universidade Federal do Maranhão (UFMA, 1996).

⁶A partir de 2019, o referido Memorial integrou a Coordenação de Memórias e Exposições, setor subordinado à Diretoria de Assuntos Culturais da Pró-Reitora de Extensão e Cultura. Ver: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Conselho de Administração. **Resolução nº 226, de 15 de junho de 2020**. Atualiza a estrutura organizacional e o correspondente organograma da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: Conselho de Administração, 2020. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/ksbq7DauFk79Zu7.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Os delineamentos do Memorial Cristo Rei, conforme expostos pela documentação consultada, permitem compreender os sentidos envolvidos no processo de construção de um lugar dedicado a memória da UFMA. Cumpre informar que a conceituação de um memorial abarca concepções diversas, no que diz respeito ao seu lugar social e suas especificidades.

Citamos a definição adotada na cultura anglo-saxônica, ao definir o memorial como “um patrimônio de pedra e cal, um espaço público destinado a emular ou enaltecer alguma figura de escol, de impacto na história nacional, ou a recordar o marco físico e simbólico de uma conquista, ou alguma tragédia, ou evento brutal” (AXT, 2012, p. 65).

Quando se atenta para o campo de atuação, as práticas e os objetos que compõem o Memorial Cristo Rei como um lugar de memória, compreende-se um espaço idealizado com fins de conservar, preservar, expor e divulgar testemunhos específicos, nesse caso, memórias de caráter institucional. Tal constatação foi apontada por Jorge Barcelos ao refletir sobre a necessidade de uma conceituação para memorial que o diferencie de museu e centros de cultura, em termos funcionais enquanto uma das instituições voltadas à memória.

Arrisco a interpretação de que o que o conceito atual de Memorial preserva - ou deve preservar - para não sofrer o risco de descaracterizar-se na origem, é de que é uma escritura, uma memória institucional, formal, burocrática - se preferirem - o objeto fundamental de um memorial, seja ela qual for. Portanto, exclui-se, numa primeira interpretação, como centro de um Memorial a função cultural em sentido lato (BARCELOS, 1999, pp. 7-8).

Apesar da similaridade com outras instituições que se dedicam às práticas da memória, a especificidade das instituições denominadas como “memoriais” reside numa percepção acerca de um espaço que atende aos interesses específicos inculcadas nas práticas de conservação, valorização e comunicação de uma memória específica de uma determinada instituição.

Além disso, o estabelecimento de um memorial pode ser compreendido com também como um monumento. Na perspectiva de Le Goff (1990, p. 536), um monumento, além de evocar a perpetuação de uma memória, são espaços que ampliam as possibilidades de decifrar os rastros da ação humana no tempo.

Na condição de “lugar de memória”, o memorial é interpretado de forma simbólica ou material como um espaço de vivências de um tempo, de uma instituição ou de um indivíduo. Segundo o historiador francês Pierre Nora (1993, p. 10), um espaço “onde a memória se cristaliza e se refugia”, “que articula uma consciência de ruptura com o passado, um sentimento de uma memória esfacelada”.

As ponderações de Nora sobre os lugares de memória foram elaboradas em conformidade como o contexto de crescimento dos locais reservados à memória e à preservação. Sinalizou também mudanças pelas quais a memória passou nas últimas décadas, na relação entre história e memória: a primeira definida com “operação intelectual”, “representação de um passado”; a segunda, relatos sujeitos às reelaborações de quem lembra o passado no tempo presente.

“A memória pendura-se em lugares”, como afirmou Pierre Nora (1993, p. 25), postulado que elucida a institucionalização do Memorial Cristo Rei pela utilização de um espaço - como suporte material e simbólico - como um monumento as lembranças, associado à nostalgia de um passado, uma construção histórica que dá suporte e exibe uma identidade. Por isso, a necessidade de “criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (Idem, p. 7).

No entanto, a análise exposta acima é suscetível de ser repensada para evitar uma análise restrita somente aos aspectos físico-estruturais dos lugares de memória. Consideramos a investigação da relação entre história e memória em termos de contiguidade propícia para elucidar a dimensão da memória não somente como

mantenedora do passado, mas como um campo de disputas, de lutas e relações de poder que delimitam esses espaços de memória, bem como a produção e disseminação de conhecimento.

Em consulta à publicação “Memória Cristo Rei – Livro Memória” de 1993, organizada pela comissão responsável pela criação desse espaço de memória institucional, constam informações que permitem esclarecer os significados envolvidos no estabelecimento desse espaço, posteriormente, inserido no arcabouço institucional. Concebido como um monumento que lembra, que serve de registro e de auxílio à memória, todavia, que atende a interesses específicos, preferencialmente, à serviço de uma memória institucional erguida pelas operações de seleção de fragmentos de um passado que foi considerado “digno de lembrança”, dos grandes feitos de uma instituição.

A Universidade Federal do Maranhão orgulha-se de apresentar à sociedade maranhense o “Memorial Cristo Rei”, *locus* privilegiado, onde se entrecruzam o passado e o presente da Instituição, que, ao longo de vinte e sete anos de existência, tem oferecido ao Estado do Maranhão os recursos humanos indispensáveis ao seu desenvolvimento. E como a história da UFMA se confunde com a de seus dirigentes e com a história de todas as pessoas que a engrandeceram e ainda engrandecem com seu idealismo, suas ações e seu talento, decidiu-se criar este espaço, onde ela será cuidadosamente preservada e, mais do que isso, exaltada (UFMA, 1993).

Como já assinalado supra, no erguimento do Memorial Cristo Rei é perceptível o entrelaçamento entre história e memória, nesse caso, a memória institucional vista como objeto de legitimação de lembranças, mas também de esquecimento. Depreende-se que, as escolhas praticadas pela comissão organizadora desse memorial, grupo instituído por ato da administração superior da UFMA daquele período, optou apenas por capítulos que exaltam essa história institucional, protagonizados por atores cujas trajetórias de vida atestam, de preferência, histórias de êxito e de conquistas.

Gomes e Marinho (2009, pp.61-62) afirmam que a construção desses espaços memorialísticos evoca recordações e oferecem informações referentes aos tempos passados de uma instituição, com as intenções de inscrever relatos históricos mediados pelos fatos considerados como “os mais significativos” para sua trajetória. No caso da institucionalização do Memorial Cristo Rei como um “lugar de memórias”, elucida os esforços dessa universidade federal maranhense no sentido de fundar um espaço que permita construir relatos sobre sua trajetória e reconhecer uma identidade institucional como referenciais e valores a serem transmitidos aos tempos vindouros.

Os usos da memória institucional podem ser entendidos como uma estratégia para a construção e a manutenção de uma identidade, de uma imagem e de uma reputação. Discursos pautados em lembranças, contudo, mergulhados em silêncios e esquecimentos, pois não contemplam possíveis conflitos, fracassos e carências que envolveram os grupos na construção dessa trajetória institucional. Importa mencionar o que foi sugerido por Oliveira (2008, pp.44-45) ao afirmar que no ambiente institucional a memória é um objeto de disputas de poder e a identidade compartilhada é um poderoso fator de coesão de grupos.

O Memorial Cristo Rei foi percebido como portador dos vestígios do passado dessa instituição, como um narrador de sua história, de um relato construído pela preservação de objetos, documentos, fotografias e outros rastros de sua trajetória. Daí, sua percepção como o “guardião das memórias da UFMA”, representação construída sobre esse espaço como um lugar de guarda e de registro de uma memória institucional, pela incumbência de preservar os sinais que testemunham a trajetória da Universidade Federal do Maranhão e do sentimento de pertencimento nos grupos que se reconhecem como parte dessa história.

Figura 6: Recorte de uma notícia veiculada por um periódico local sobre o Memorial Cristo Rei interpretado como um espaço de abrigo de memória, “um guardião”.



Fonte: GRILLO; WERNECK (2012)

Espaço onde temporalidades se entrecruzam para preservar memórias e histórias antes sujeitas a destruição, consequências da experiência vivenciada pelo prédio devido ao episódio de um incêndio, mas também da passagem do tempo. Ergueu-se o Memorial “Cristo Rei”, denominação inspirada no edifício histórico que seria seu abrigo a partir daquele momento.

Esse sentimento nostálgico frente ao passado e o apego à memória, especificamente, uma determinada memória institucional, são sintomáticos de uma relação com o tempo. Como foi apontado por François Hartog em seus estudos sobre os regimes de historicidade, as formas como uma sociedade trata seu passado elucidada uma experiência de tempo denominada como presentismo

[...] um presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. [...] A confiança no progresso se substituiu a preocupação de guardar e preservar: preservar o quê e quem? Este mundo, o nosso, as gerações futuras, nós mesmos. Daí vem este olhar museológico lançado sobre o que nos cerca. Nós gostaríamos de preparar, a partir de hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se fosse já ontem, tomados que estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer (HARTOG, 2006, p. 271)

Esse apego por memórias foi analisado por Andreas Hyussen mediante uma “cultura de memória” representada mediante a preocupação da sociedade contemporânea em criar registros de memórias, edificar monumentos ou organizar comemorações. Para o autor, esse sentimento de nostalgia pelo passado caracteriza um deslocamento temporal do futuro presente para o passado presente, pois a “nostalgia tem a ver com a irreversibilidade do tempo: algo do passado deixa de ser acessível. [...] no desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas” (HUYSSSEN, 2014, p. 91).

Daí, a necessidade de edificação de locais como museus, arquivos, coleções, monumentos como locais depositários de memórias. Prática similar representativa desse apego por espaços memorialísticos que materializam um discurso sobre o passado, indícios de memórias, portadores de sentidos e significados.

Como indícios de um tempo, esses espaços de memórias subsidiam informações sobre o passado de um país, de uma sociedade ou de uma instituição. A prática de preservá-los significa propiciar um conhecimento de sua história, a construção de uma identidade e a possibilidade do entendimento de representações de um tempo passado.

4. Considerações finais

Mediante essa exposição visamos oferecer uma reflexão sobre a construção do Memorial Cristo Rei como um espaço devotado as lembranças da Universidade Federal do Maranhão. Um lugar onde é possível relembrar, palco onde foram encenadas as narrativas acerca da trajetória de uma instituição, portador dos vestígios de uma história, cuja escrita é mediada por memórias em seus mais diversos fragmentos.

Representativa dos desígnios pela “preservação da memória histórica da Universidade Federal do Maranhão”, as intenções de criar um memorial da ocorreram em meio a um episódio adverso vivenciado por essa instituição pública de ensino superior, cujo cenário foi o Palácio Cristo Rei. Inserido um recorte

espacial da cidade de São Luís interpretada como uma área espacial e paisagística por seu valor histórico, patrimonial e arquitetônico, esse edifício abrigava naquela ocasião a sede da Reitoria da UFMA.

Foi diante de suas ruínas, que a combinação de tempo e espaço provocou um sentimento de nostalgia pelas memórias da instituição simbolizadas pelos rastros do seu passado. A ameaça da destruição devido ao incêndio que o vitimou em 1991, lançou-se um olhar retrospectivo sobre o local, de um passado visto pelo prisma do tempo presente.

A reforma executada no Palácio Cristo Rei naquele período é um desses rastros simbólicos das memórias dessa instituição de ensino superior. Ressurgindo em meio às cinzas, o edifício histórico que teve diversos proprietários e sediou diversas instituições seria um “lugar onde ancorar memórias”. Espaço onde se preservariam os vestígios acerca da trajetória da Universidade Federal do Maranhão.

REFERÊNCIAS

A FACULDADE de Filosofia de São Luís do Maranhão. **Jornal do Maranhão**. São Luís, 27 de jul. 1961. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20151216162351.pdf. Acesso em: 03 fev. 2022.

ANDRADE, Cláudia Nunes de Lima e; BRITO, Stella Regina Soares; CASTRIOTA, Leonardo Barci. De Solar do Comendador Teixeira Vieira Belfort a Palácio Cristo Rei: a trajetória de uma casa senhorial ludovicense. **Anais do 6º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação**. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/seminarioarqedoc2019/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. **Métis: história & cultura** – v. 12, n. 24, p. 64-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/2338/1395>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como instituição no sistema de museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo.** Disponível em: <https://memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcellos.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

GOMES, Larissa Karen Ribeiro; MARINHO, Ana Carolina. Em torno da memória: arquivo e memorial na construção das referências temporais e identitárias institucionais. *In: Espaços da história, espaços de identidades: ensino, memória e patrimônio.* Natal, RN: EDUFRN, 2009.

GRILLO & WERNECK projetos e consultoria Ltda. **Projeto de restauração e requalificação do Palácio Cristo Rei.** São Luís, 2012.

HARTOG, François. Tempo e História: “Como escrever a História da França hoje?”. **História Social**, Campinas, n. 3, p. 127-154, 1996.

_____. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261- 273, jul/dez. 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, monumento, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. 2000.

_____. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MEDEIROS, Carlos Henrique Guimarães. **Histórico do Palácio Cristo Rei.** São Luís: UFMA, 2003.

MEIRELES, Mário M. **Dez estudos históricos.** São Luís: ALUMAR, 1994.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em 12 fev. 2022.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória SiBI/UFRRJ. *In: Universidade e lugares de memória.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

PFLUEGER G; LOPES, Jose Antônio. **Arquitetura do século XX em São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de Arquitetura e Paisagem.** 1 ed. (bilíngue).

Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/ReabilitacaoAreasUrbanas/Sao_Luis_Guia_Arquitetura_Paisagem.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

RAMOS, Albani. **São Luís, 1908-2008: A cidade no tempo**. São Luís: Instituto da Cidade, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Diretoria de Assuntos Culturais. Coordenação de Memórias e Exposições. Memorial Cristo Rei: Biblioteca. **Memorial Cristo Rei - Livro Memória**. São Luís: Gráfica Santa Clara Ltda. 1993.

_____. Conselho Universitário. **Resolução nº. 02/96 CONSUN**. Institucionaliza o Memorial Cristo Rei, integrando-o ao Gabinete do Reitor. São Luís: Conselho Universitário, 1996.

_____. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Conselho de Administração. **Resolução nº 226, de 15 de junho de 2020**. Atualiza a estrutura organizacional e o correspondente organograma da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: Conselho de Administração, 2020. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/ksbq7DauFk79Zu7.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.